

**José D. Garcia Domingues**

**O místico louletano Al-Oriani  
e o pensamento filosófico-teológico do  
Islame Ocidental**

**Lisboa  
1954**

JOSÉ D. GARCIA DOMINGUES

BOLSEIRO DO INSTITUTO DE ALTA CULTURA

✧

*O místico louletano*

*Al-Oriani*

*e o pensamento filosófico-teológico do  
Islame Ocidental*

✧

LISBOA

1954

*O místico louletano*

*Al-Oriani*

## OBRAS DO AUTOR sobre temas arábicos

### Publicadas:

- D. Miguel Asín Palacios*, a maior figura do arabismo peninsular  
(In: Rev. «Litoral», n.º 4, 1944).  
*História Luso-Árabe*, Editora Pro Domo, 1945.  
*Lisboa Muçulmana* (In: «Oito Séculos de História» publicação  
monumental da Câmara Municipal de Lisboa, 1948).  
*O Palácio Xarajibe de Silves*, na lenda, na arte e na história  
(In: Rev. «Atlântico», 2.ª Série, 1948).  
*Egipto*, nos seus aspectos histórico, cultural, monumental, etc.  
Edição do Autor — 1952. Distribuidora: Bertrand.  
*O Pensamento Filosófico-Teológico do Sufismo Muridínico*  
(Separata da Rev. «Filosofia», n.º 2, 1954).

### Em publicação:

- Sentenças e poesias do alfaqui e asceta Abu Imrane de Mértola.*  
*O «Dar al-Islam», e seus reflexos na África e na Ásia.*  
*Influência árabo-islâmica no Ultramar português.*  
*Os estudos arábicos em Portugal nos últimos doze anos.*  
*Bases históricas das relações entre Portugal e Marrocos.*  
*A Arabofilia de Garrett.*  
*A contribuição estrangeira para um melhor conhecimento da  
história luso-árabe.*  
*Aben Mafon e a conquista do Algarve pelos portugueses na  
«Adha-Dhakyra as-Sanyya».*

### Em preparação:

- O território medieval português nos historiadores e geógrafos  
árabes.*  
*O Islame Lusitano (As grandes épocas e grandes figuras da  
História Luso-Árabe).*  
*História da Literatura Árabe-Lusitana.*  
*A Arte Árabe em Portugal.*  
*Índice Geral de Bibliografia Árabe com especial referência  
à História de Portugal.*

[2123]

JOSÉ D. GARCIA DOMINGUES

DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ARQUEOLOGIA  
HISTÓRIA E ETNOGRAFIA

BOLSEIRO DO INSTITUTO DE ALTA CULTURA  
PARA INVESTIGAÇÕES DE HISTÓRIA LUSO-ÁRABE

✧

# *O místico louletano*

## *Al-Oriani*

*e o pensamento filosófico-teológico do  
Islame Ocidental*

CÂMARA MUNICIPAL DE FARO  
BIBLIOTECA MUNICIPAL

✧ N.º de Reg.º: \_\_\_\_\_  
Cota. FR/165.6 Do M  
Data de entrada. 1

LISBOA  
1954



## PRÓLOGO

*Abul-Abás ou Abul Jáfar Al-Oriani, natural de Loulé, foi uma das maiores figuras do misticismo islâmico ocidental, na região peninsular que na Idade Média se designava com o nome de Garbe.*

*Pertenceu à escola do sufismo muridínico fundada por Ibne Cací de Silves, o famoso autor do «Khal' al-Na'lain fil-tasawwuf».*

*Al-Oriani como Abu Imrane, viveu, não já no território hoje português, mas em Sevilha para aonde, como Abu Imrane se havia retirado.*

*Se bem que se não conheçam livros da sua autoria e a sua instrução fosse muito escassa, teve a felicidade de ser, em Sevilha, mestre de Ibne Arabí, mais tarde, o maior filósofo místico do Islame, o qual sentiu por ele a maior simpatia, lhe teceu rendidos louvores, fez a sua biografia e o cantou em verso.*

*Enquanto que o livro de Ibne Cací continua inédito numa biblioteca de Constantinopla, impossibilitando-nos isso de conhecer o pensamento exacto do maior pensador islâmico do Garbe, o pensamento de Al-Oriani é-nos hoje conhecido através das numerosas referências que lhe fez Ibne Arabí nas suas obras «Risalat Al-Quds» e «Futuhât». É com base nesses textos, traduzidos há anos, por Asín Palacios nas suas obras «Abenmassara y su Escuela» e «El místico murciano Abenarabí» que vamos tentar uma breve síntese da vida, obra e pensamento dessa tão interessante e original figura que foi Abul-Abás ou Abul-Jáfar Al-Oriani.*

*Conservamos a este trabalho o seu especto de conferência que primeiro lhe demos, conferência pronunciada em Loulé, em 1951, a convite do Presidente da Câmara Municipal dessa tão interessante e próspera localidade algarvia, Sr. José da Costa Guerreiro.*

*Procurámos, no entanto, completá-lo com notas elucidativas e introduzimos-lhe títulos e subtítulos para tornar a exposição mais ordenada e clara.*

## Sistema de Transliteração

Para a transliteração dos textos árabes, atendendo à dificuldade da composição em linotipo, servimo-nos aqui, da seguinte convenção que tem um carácter puramente ocasional e não pretende de modo nenhum, estabelecer regras ou princípios:

Alife — !	Sine — s	Lame — l
Bá — b	Xine — x	Mime — m
Tá — t	Sade — s:	Nune — n
Thá — <i>th</i>	Dade — d:	Há — h
Jime — j	T:á — t:	Uau — w
H:á — h:	Z:á — z:	Iá — y
Khá — <i>kh</i>	Aine — ’	hâmeza — ,
Dal — d	Gaine — g	tá marbuta — <i>at.</i>
Dhal — <i>dh</i>	Fá — f	fatha — a — (longa) — â
Rá — r	Qafe — q	casra — i — ( » ) — í
Zá — z	Kafe — k	damma — u — ( » ) — û

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente!

Minhas Senhoras!

Meus Senhores!

É uma grande honra a que me haveis concedido, convidando-me para vir falar aqui, esta noite, nesta vossa sessão solene em que pretendeis galardoar os rapazes e as raparigas louletanos que se distinguem nos estudos.

Honra e prazer, porquanto de há muito eu desejava ter a oportunidade de conversar convosco sobre um grande da vossa terra no tempo dos árabes, figura que julgo desconheceis quase por completo ou, pelo menos, não conheceis suficientemente.

Refiro-me a Al-Oriani, Abul-Abás ou Abul-Jáfar Al-Oriani, místico e filósofo, mestre que foi do maior filósofo místico do Islamismo, Ibne Arabí Al-Muhidín.

Com efeito, desde que obtive a documentação necessária para a reconstituição desta personalidade, o tema apaixonou-me e logo pensei que aos louletanos ela havia de interessar mais do que a quaisquer outros, pois se trata de um louletano, de um natural da vila, quáse cidade, de Loulé.

Informaram-me depois que os louletanos são extraordinariamente bairristas. A ser isso verdade, não poderíeis olhar para Al-Oriani com indiferença. Era preciso porém, uma oportunidade. Essa oportunidade deu-ma o Sr. Presidente da Câmara quando há um ano, me convidou para vir falar aqui nesta tradicional sessão de distribuição de prémios.

Todavia, no ano passado, tive que faltar, pois o meu estado de saúde não me permitia vir de longada até este nosso tão querido Algarve.

Agora, as circunstâncias são outras. O convite foi renovado e aqui me têm a cumprir aquilo que entendo ser um dever, revelar aos louletanos que a desconhecerem a maior figura de Loulé, no tempo dos árabes.

Antes, porém, de entrar pròpriamente no assunto da minha conferência, julgo dever dizer alguma coisa sobre a Loulé muçulmana.

### LOULÉ MULÇULMANA

Meus Senhores! A História Árabe de Loulé é muito semelhante à actual.

Hoje, um grande nome domina a vila de Loulé: Duarte Pacheco.

Não tem Loulé, actualmente, como em tempo dos árabes não tinha, construções de grande vulto que a imponham.

Perguntem a qualquer pessoa de fora do Algarve o que é Loulé e ela responderá quâse automaticamente; «Loulé é a terra de Duarte Pacheco».

Da mesma forma, em tempo dos árabes, se se perguntasse o que é Loulé, obter-se-ia com resposta: «Loulé é a terra de Al-Oriani».

De tal maneira, neste caso particular, a história da terra parece ter uma importância tão reduzida em relação à dos seus homens ilustres.

Será isto um símbolo daquela verdade que diz que só o homem é grande, que a natureza, a arte e a ciência devem servir o homem, que só perante Deus, o Infinito, o Eterno, o Imenso, o homem se verga e submete e se deve vergar e submeter?

Não sei. Mas não há dúvida de que é muito curiosa esta singularidade de que em Loulé os homens são maiores do que a terra e a terra só pelos seus homens se engrandece e imortaliza.

Que nos diz a história árabe sobre a vila de Loulé?

Muito pouco, tão pouco que quáse não valeria a pena referir. Mas, é preciso que sejamos exactos e que valorizemos devidamente o pouco que nos resta.

Comecemos por determinar quais os autores árabes que nos falam de Loulé. São eles essencialmente: *Abd'al-Wáhid Al-Marracuxí*, *Ibne Saíd Al-Magribí* e o autor da Crónica Anónima dos Merínidas *Adh-Dhakhrya As-Sanyya*. (1)

Todos se referem a uma 'Ulyã sita no Algarve, termo aquele que, precidido do artigo árabe, deu Al-'Ulyã, Laulé e Loulé.

Houve quem fizesse a identificação de 'Ulyã com Olhão.

Foi o Dr. David Lopes quem pela primeira vez estabeleceu claramente que Al-'Ulyã não podia ser senão a actual Loulé. (2) Julgo que não vale a pena voltar à discussão desse assunto. No entanto, não deixarei de acrescentar um pequeno e decisivo pormenor.

A identificação do Dr. David Lopes foi feita, toda ela, à base dos seus profundos conhecimentos filológicos.

David Lopes não conhecia o manuscrito de Ibne Saíde existente na Biblioteca da Real Academia de História de Madrid senão pelas citações dos títulos e subtítulos que publicou no «Arqueólogo Português». (3)

Ora bem: Tenho estudado esse manuscrito e verifico que aí se pode ler, depois do capítulo sobre Santa Maria do Algarve (Faro), falando-se de 'Ulyã:

«wa hya min al-mudun al-garbyat. al-samalyat.»  
ou seja ('Ulyã) é o nome da cidade a ocidente e a norte (a noroeste). Falando Ibne Saíde de 'Ulyã depois de ter falado de Santa Maria do Algarve, (Faro) isto quer dizer que 'Ulyã ficava a noroeste de Faro. Ora é essa precisamente a situação em que se encontra a actual Loulé.

Olhão é uma hipótese que tem que ser posta completamente de parte.

Assim, o manuscrito de Ibne Saíde oferece-nos uma confirmação geográfica da tese sustentada, no campo da filologia, pelo Dr. David Lopes.

A 'Ulyã dos árabes é a actual Loulé.

O mesmo manuscrito nos revela que Loulé era então cidade, não só na frase que acabamos de citar, como no título do parágrafo em que se diz «madinati Al-'Ulyai» ou seja «da cidade de Loulé».

Qual o significado do termo 'Ulyã?

David Lopes deu-lhe o sentido de «outeiro», que não vai nem contra a etimologia nem contra a configuração orográfica da actual Loulé, edificada sobre umas pequenas elevações, com bela vista sobre a região algarvia que corre até ao mar, a Sul.

'Ulyã provem da raiz verbal 'alã que significa «elevantar», «ser grande» e que se encontra na expressão corrente muçulmana «Allah ta'alã» (Deus seja exaltado!).

'Alã e 'ulã significam «grandeza». «elevação»; 'alay e 'alayat. todo o lugar elevado. 'Ulyã tem o significado de «elevação», «altura».

A 'Ulyã dos árabes era portanto, uma povoação situada numa elevação ou altura a noroeste de Santa Maria do Algarve (Faro). O que está inteiramente de acordo com a actual situação de Loulé.

Parece vir a propósito informar que em todo o mundo árabe e no Andaluz houve numerosas povoações com o mesmo nome, nas suas formas 'Alyã e 'Ulyã. Na região de Cáceres houve uma 'Alyã a que se refere Iacute e na de Málaga ainda hoje há uma Olías, com idêntico significado. (4)

Ibne Idarí, no seu «Bayan Al-Mogrib» fala de duas localidades no Andaluz com o nome de Ulya: uma na região de Sevilha, (supomos que a actual Loulé) e outra na de Écija, cidade entre Sevilha e Córdoba. (5)

Segundo Ibne Pascual e Ibne Adabí, 'Ulyã as-sahla é o nome de uma região na campina de Córdoba. Levi Provençal diz que esse nome deve ser aproximado do antigo nome de Montemaior, perto de Montilla, Ulia. (6) Simonet refere-se a Alalia ou Algalia

um castelo fortificado por Walid ben Mastana, amigo de Ibne Hassane, revoltado em Priego. (7)

Não vamos agora entrar em pormenores de identificação de todas estas localidades. Não pretendemos fazer aqui um estudo toponímico, mas apenas assinalar que o nome 'Ulyã aparece em muitas outras localidades e é um nome árabe característico indicativo de «elevação», «altura».

O facto de a antiga 'Ulyã na região de Córdova se chamar hoje Montemaior, mostra bem claramente o significado de 'Ulyã, «elevação», «altura», «outeiro», «monte».

Que sabemos nós da história de Loulé no tempo dos árabes?

Os historiadores árabes não se referem a Loulé senão para indicar a sua existência ou a origem de homens notáveis.

Por outro lado, as informações que aparecem sobre Loulé nas mais antigas crónicas portuguesas exigem certa reserva. (8)

Tudo quanto podemos dizer é que Loulé, em tempo dos árabes foi povoação de alguma importância e muito naturalmente desempenhou certo papel opondo prolongada resistência quando da conquista definitiva do Algarve pelos portugueses. (9)

Quanto a ter ou não estado D. Afonso III na conquista do Algarve é problema sobre que nos não queremos pronunciar categoricamente; todavia, entre as duas teses julgamos mais provável a que afirma a presença do Rei.

As letras louletanas são honradas com a existência de um poeta *Al-Kuthayyr* de que se conhecem duas breves composições.

Encontram-se no *Al-Mugrib* de Ibne Saíde Al-Magribí a tradução de cujo texto referente a Loulé passo a ler por me parecer um tanto curioso e de certo interesse. (10)

«Em nome de Deus o Clemente e o Misericordioso, Deus abençoê o nosso Senhor Mafoma!

Depois de louvar a Deus e de pedir a sua bênção para Nosso Senhor Mafoma, seu profeta e para sua família e seus companheiros.

Este é o Livro Quinto dos que contêm o Livro do Reino de Silves e o seu nome é: Livro de ornamento da grandeza sobre as glórias da Cidade de Loulé. Este é o nome da Cidade que fica a noroeste (de Faro).

### Kuthayyr al 'Ulyawí

Literato famoso do nosso tempo. Esteve em Sevilha e depois partiu para Bugia. Porque falava insistentemente de coisas que lhe não diziam respeito foi açoitado e espancado com escândalo público e expulso para além do mar. Então estabeleceu-se na ilha de Minorca junto do seu senhor Saíde Ibne Hákim. <sup>(11)</sup> Entre as suas poesias (figura esta):

Não é o vinho o que me dá satisfação  
Nem a paixão da música ou do canto  
O meu gosto não é senão os livros que estudo  
E o meu sabre sempre em minha defesa  
Não é outro senão o meu cálamo.

E esta:

Voou o corvo ao separar-me deles e pensei  
Voou levando o melhor do meu coração!» <sup>(12)</sup>

As ciências árabes louletanas ostentam o nome de Al-Oriani que foi mestre de vida religiosa, sábio da difícil ciência do *tauhid*, (a união com Deus), místico, teólogo, e filósofo, o homem a quem esta conferência é especialmente dedicada.

Sobre a arte árabe em Loulé, bastará que vos diga que esse castelo em parte ainda de pé e cuja forma acusa nitidamente a reconstrução medieval portuguesa, tem, sem dúvida, no seu interior, muito da velha fortaleza árabe. <sup>(13)</sup> Dum modo geral, todas estas construções são terrivelmente conservadoras e antigas.

Os cristãos construíram onde os árabes o haviam feito e estes, onde os visigodos e estes, onde os romanos.

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ صَلَّى اللَّهُ عَلَى سَيِّدِنَا مُحَمَّدٍ  
أَمَّا بَعْدُ حَمْدُ اللَّهِ وَالصَّلَاةُ عَلَى سَيِّدِنَا مُحَمَّدٍ وَبِالرُّوحِ  
فَهَذَا الْكِتَابُ الْخَامِسُ مِنَ الْكُتُبِ الَّتِي تَمَلُّ عَلَيْهَا كِتَابُ  
الْمَمْلُوكَةِ التَّلْبِيَّةِ وَهُوَ

كِتَابُ حُلِيِّ الْعُلْيَا

فِي حُلِيِّ مَدِينَةِ الْعُلْيَا  
وَهِيَ  
مِنَ الْمَدِينِ الْغُرَبَاءِ التَّمَالِيَّةِ  
كَثِيرِ الْعُلْيَا وَكَ

أَدِيبٍ مَشْهُورٍ فِي عَصْرِنَا كَانَ بَأْسِيْلِيَّةٍ وَرَحَلَ  
إِلَى بَجَايَه فَكَثُرَ كَلَامُهُ فِيهَا لِأَيْعِينِهِ فَضَرَبَ  
وَجَرَسَ وَنَقَى فِي الْحَجْرِ فَاسْتَقَرَّ بَيْنَ يَدَيْهِ مَنْوَرَةٌ  
عِنْدَ صَاحِبِهَا صَفِيْدِ بْنِ حَكْمٍ وَمِنْ شِعْرِهِ  
لَيْسَ الْمَدَامَةُ مِمَّا اسْتَرَعَلَهُ وَلَا مَجَازِيَةُ الْاَوْتَارِ وَالنَّمَمِ  
وَأَمَّا الَّذِي كَتَبَ أَطَالَهَا وَصَارَ مِيَّادَانِي بَصْرِيَّ قَالِي  
وَقَوْلُهُ

طَارَ الْغُرَابُ لِبَيْتِهِمْ فَحَسِبْتُهُ إِذْ طَارَ مَتَمًّا لِأَصْمِيمِ فَوَارِي

Trecho do manuscrito da Biblioteca da Real Academia de História de Madrid, do "Kitab Al-Mugrib" de Ibne Saide Al-Magribi, em que se trata de Loulé.

Corresponde aos fols. 213 v e 214 do referido manuscrito.

A última linha do texto pertence ao fol. 214. Na gravura parece constituir um todo porque se sobrepuzaram as fotocópias.

Para além dos romanos, perdem-se as coisas na noite dos tempos. Mas, onde os romanos construíram os primeiros fortins será, de um modo geral, sempre lícito supor um castro lusitânico ou das velhas populações cónicas em contacto com os fenícios.

Loulé conserva, dos tempos árabes, outras tradições talvez mais fortes, as dos seus contos e lendas.

Testemunho eloquentíssimo de alta antiguidade histórica e de funda influência arábica é esse lindo manto de estrelas luminosas que envolve Loulé, os seus «montes», todos muito alegres, cheios de vida e cor, como bandeiras desfraldadas anunciando uma aleluia.

Quem há que perante essa interminável teoria alacre sobre a verde relva das montanhas, não sinta o pulsar do coração de uma população levantina, com usos costumes e gestos orientais que não são os nossos, mas que, contrastando, formam com eles uma deliciosa harmonia?

É já tempo de vos falar de Al-Oriani, o assunto desta conferência, é já tempo de evocar, a mais forte personalidade louletana do tempo dos árabes.

### **O PENSAMENTO MÍSTICO DO ISLAME OCIDENTAL**

Para se compreender o pensamento místico e filosófico de Al-Oriani temos que o integrar na sua época, que o considerar dentro daquelas correntes de pensamento de que foi notável expoente.

Al-Oriani viveu aqui no Algarve e em Sevilha, nos fins do século XII, princípios do século XIII.

Foi um contemporâneo do nosso rei D. Sancho I e é possível que a sua ida para Sevilha e o seu cativo entre os cristãos estejam em relação com a investida de Sancho I e dos Cruzados contra Silves.

De qualquer modo, ele é um continuador do sufismo de Ibne Cací de Silves doutrina que ficou conhecida por o Muridismo, e de que foi também continuador Abu Imrane de Mértola.

Assim Al-Oriani e Abu Imrane situam-se na continuação do misticismo filosófico de Ibne Cací que por sua vez, prolongou no Garbe, a filosofia mística de Ibne Massara de Córdoba.

Al-Oriani como Abu Imrane devem muito, no entanto, a um facto singular e ocasional, o de terem sido mestres de Ibne Arabí, o maior filósofo místico do Islame, o qual havia de espalhar a sua fama por todo o mundo, já falando deles na Tunísia, no Egipto, na Arábia, na Palestina, na Síria, no Iraque, já elogiando-os, já traçando a sua biografia, já cantando-os em verso.

Al-Oriani gozou de uma posição privilegiada pelo facto de ter sido o primeiro mestre espiritual de Ibne Arabí aquele com quem mais intimamente conviveu e cuja memória nunca se lhe apagou.

Se hoje temos conhecimento de Al-Oriani é graças aos livros de Ibne Arabí, o místico murciano do século XIII que se refere a ele insistentemente no *Futuhât* (Revelações) e no *Risalat Al-Quds* (Epístola da Santidade) (14).

São estes os documentos mais importantes para o conhecimento da vida e obra e pensamento de Al-Oriani, o notável místico de Loulé.

Antes porém de nos referirmos a estes pontos, importa pronunciar algumas palavras esclarecedoras do que foi e é a filosofia mística do Islamismo.

O Islamismo é, antes de mais nada, uma religião, a religião da submissão à vontade de Deus — *Islam*.

A pouco e pouco, em contacto com a cultura grega, surgiu nele uma filosofia e, em contacto com os cristãos, um misticismo.

A filosofia islâmica apresenta duas correntes: a corrente racionalista, representada por Al-Quindí, Avincena, Alfarrabi, Avenpace, Averrois e Ibne Tofail e a corrente mística, representada por Al-Halaje, Algazel, Ibne Arabí e muitos outros.

O misticismo árabe nasceu como um desejo de submissão à vontade de Deus (tawacol), de união com Deus (tauhid).

Já no século VIII havia escolas místicas em Baçorá, Cufa e Bagodá, no Iraque. No século X surge a grande figura de Al-Halaje que foi martirizado em Bagodá em 922. Já então se espalhara o termo «sufí» para designar os místicos muçulmanos.

Porquê «sufí»? Porque esses místicos costumavam usar uma túnica de lã, branca a que se chamava «suf». Sufí é aquele que usa o «suf».

O misticismo comunicou-se a todo o mundo árabe, e no século XI aparece-nos no Egipto a figura do grande místico ortodoxo Algazel.

As ideias de Al-Halaje, de Algazel e da Confraria dos Irmãos da Pureza que haviam aparecido no Oriente comunicaram-se ao Ocidente por intermédio de Ibne Massara que para aqui as trouxe.

No século XI estas ideias místicas tinham-se espalhado por todo o Andalus e assim nos aparecem os sufís ocidentais Ibne Alarife de Almeria, Abu Isac de Elvira, Ibne Barrachane de Sevilha e Ibne Cací Silves.

Este merece uma referência especial como precursor de Al-Oriani.

É autor de um tratado filosófico intitulado «Kal' al-Na'lain fil-Tasawwuf» (Os dois sapatos descalçados no êxtase) que dorme, desde o século XIII o sono dos justos numa biblioteca de Constantinopla, sem que ainda haja surgido a decisão de se lhe mandar buscar as fotocópias.

Esse tratado é o único documento que possuímos no género. O seu conhecimento esclareceria muito bem o ponto de partida das ideias de Al-Oriani, como as obras de Ibne Arabí esclarecem sobre o seu ponto de chegada. Seria além disso da maior utilidade para o conhecimento do pensamento filosófico-místico ocidental<sup>(15)</sup>.

Que pretendiam os sufís? Naturalmente, a união com Deus por um método espiritual (tarica) que ensinavam.

O sufismo, a partir do século XIII degenerou. Sob a influência turca apareceu a escola dos «derviches» inicialmente na Síria.

A partir de então pretendeu-se atingir a união com Deus por técnicas especiais, a dança, a música o fumo do ópio, etc. Os derviches, de sedentários fizeram errantes. As suas práticas misturam-se com as dos faquires da Índia e as suas técnicas com as dos yogas do Turquestão, Mongólia e Tibete.

A moral deles também diminuiu muito. Alguns tornaram-se verdadeiros saltimbancos de feira, charlatães, exploradores da credulidade das multidões ignorantes.

Mas não devemos conceber o misticismo sufítico à base desta sua degeneração. O misticismo continua ainda hoje a ser cultivado em muitos sectores do Islame ortodoxo.

Assim como derivou em parte, do ascetismo e do misticismo cristãos, assim influiu mais tarde, no Cristianismo.

Sofreu a sua influência o movimento franciscano e através desta e de outras fontes, o misticismo espanhol de Santa Teresa e de São João da Cruz.

Quantas expressões no próprio misticismo cristão hispânico de hoje, não virão, directa ou indirectamente, do misticismo islâmico que teve no ocidente português, como expoentes máximos, Ibne Cací de Silves, Al-Oriani de Loulé e Abu Imrane de Mértola? Eis um problema que podia ser estudado.

## BIOGRAFIA DE AL-ORIANI

Tentemos traçar o perfil psicológico e mental de Al-Oriani, dizer alguma coisa sobre o que foi a sua obra espiritual, definir as linhas gerais do seu pensamento.

Para isso importa conhecer previamente a sua biografia.

### Naturalidade

Al-Oriani era de Loulé. Di-lo Ibne Arabí em dois passos do seu livro «Futuhât» quando escreve: «Al-Oriani era de Ulyã, no Ocidente do Andaluz» (16).

Como a identificação da Ulyā do Ocidente do Andaluz está feita, em face dos textos de Al-Marracuxí, de Ibne Saíde, e da «Adh-Dhakhyra As-Sanyya», julgo que neste ponto não podem restar dúvidas.

Nasceu portanto Al-Oriani em Loulé.

### Data do Nascimento

Para a marcação da data em que Al-Oriani nasceu temos apenas um ponto de referência.

Sabemos que em 1184 se deu a vocação mística de Ibne Arabí e que nessa data ou pouco depois, Al-Oriani já se encontrava em Sevilha.

Se Al-Oriani tivesse nascido em 1150 nessa altura teria 24 anos e é pouco crível que já fosse mestre sufí com essa idade. Al-Oriani foi um adepto das ideias de Ibne Cací de Silves cuja revolução se operou de 1145 a 1155. Supomos que nesta altura Al-Oriani já devia ser jovem.

Não andaremos longe da verdade dizendo que Al-Oriani nasceu na primeira metade do século XII. Seu companheiro Abu Imran de Mértola, nasceu em 1125. É entre 1125 e 1150 que devemos colocar a data aproximada do nascimento de Al-Oriani.

### Ida para Sevilha

Quando se teria dado a deslocação de Al-Oriani para Sevilha e que a motivou?

Não o sabemos. Todavia, tendo conhecimento de que a vocação mística de Ibne Arabí se deu em 1184 e de que Al-Oriani foi um dos seus primeiros mestres espirituais, senão o primeiro, por essa altura ou um pouco mais tarde, já estava em Sevilha.

Sabemos, por outro lado, que Al-Oriani caiu cativo dos cristãos quando fazia uma viagem em caravana. Refere o relato que caiu prisioneiro dos *afranj* (ou francos) nome com que se designavam, além dos francos, os cristãos do nordeste da Península.

Ora este nome também é aplicado por alguns historiadores árabes aos portugueses e aos Cruzados que atacaram Silves. (17)

Pergunto se Al-Oriani não teria caído prisioneiro, precisamente destes.

Admito que Al-Oriani se tenha conservado no Algarve até 1189 e que tenha sido feito prisioneiro pelos portugueses.

Uma vez liberto, ter-se-ia, então dirigido para Sevilha, como, por exemplo, os defensores vencidos de Silves, onde podia estar em 1190.

Desta forma, seis anos depois de ter começado a se dedicar à vida mística, Ibne Arabí teria conhecido seu mestre Al-Oriani.

É uma hipótese, não é uma afirmação categórica. Parece mais provável que a vocação de Ibne Arabí se tenha dado precisamente em face de seu mestre Al-Oriani conforme sugere o relato que nos foi conservado. Neste caso, Al-Oriani estaria em Sevilha já em 1184. Desconhece-se porque motivo abandonou o Algarve.

### Vocação de Al-Oriani

Possuímos sobre a vida de Al-Oriani os mais extraordinários relatos e pensamentos completos devidos ao cálamo do seu dedicado amigo e discípulo Ibne Arabí.

É ele mesmo quem nos conta a maneira como se deu a vocação mística Al-Oriani, tal, de resto, como Al-Oriani lhe contou.

Ouçamos. É o próprio Al-Oriani, vosso patrício de há 8 séculos, quem fala: e talvez que a cena se tivesse passado precisamente aqui, em Loulé.

«Tudo o que necessitava para ganhar o sustento da minha família durante um ano eram 8 sacos de figos secos de 100 libras cada um.

Quando deixei de trabalhar para me consagrar ao convívio com Deus, na soledade, minha mulher começou a gritar e a me injuriar, dizendo: «Levanta-te d'aí e trabalha e trás para casa o necessário para manter os teus filhos durante este ano!»

Com estas palavras minha mulher perturbou-me no meu propósito e eu disse no meu íntimo: «Ó Senhor, esta mulher vai ser um obstáculo que se levanta entre mim e Tí, pois não deixará de me perseguir sem cessar. Se pois Tu queres que me consagre ao convívio contigo, livra-me da preocupação da minha mulher. E se não me queres para Tí, dá-mo a conhecer».

Deus então comunicou-me no mais íntimo do meu espírito, esta resposta:

«Ó Ahmede! Senta-te tranquilamente, pois não passará este dia sem que eu te traga 20 sacos de figos, o bastante para manter a tua família, dois anos e meio e mais ainda. Senta-te pois a conversar connosco e não deixes de o fazer!».

Uma hora depois chegava um homem à porta da minha casa com um saco de figos de presente.

Disse-me, então, Deus: «Este é um dos 20». Ainda se não havia posto o Sol e já tinha em casa os 20 sacos completos.

Minha mulher e as crianças encheram-se de alegria e além disso, minha mulher agradeceu-me, mostrando-se muito contente comigo»<sup>(18)</sup>.

Este o relato, curioso, pitoresco, da forma como Al-Oriani se dedicou decisivamente, à vida mística.

Mas, tudo neste homem passa a ser curioso. Ouçamos a maneira como se deu o seu cativeiro e como dele se livrou.

### Cativeiro e libertação

Demos a palavra a Ibne Arabí:

«(Al-Oriani) foi feito prisioneiro pelos cristãos quando viajava numa caravana. Este cativeiro fora previsto por ele, pois na véspera dissera aos seus companheiros: «amanhã, vão-nos fazer, a todos, cativos.»

Os cristãos hospedaram-no com todas as honras dando-lhe uma habitação rica e formosa em que trabalhava.



Combinou com eles o seu resgate por 50 dinares. Deram-lhe a liberdade com a condição de ele enviar, depois, o dinheiro.

Quando chegou a território islâmico, logo apareceu gente que lhe queria entregar essa importância, tomando-a de duas ou três pessoas, mas ele disse: «Não a quero senão pedida a muitas pessoas. Se me fosse possível reuni-la, tomando de cada homem um só cêntimo, fá-lo-ia, porque Deus assegurou-me que um simples esforço com o qual se paga algo que sirva ao resgate do fogo do Inferno é coisa que aproveita a todo o povo da Mafoma»<sup>(19)</sup>.

### **A escola mística de Sevilha e a personalidade de Al-Oriani**

Eis como falava vosso Mestre Al-Oriani! Antes de findar o século XII ele estava estabelecido em Sevilha. Aí se dedicou à vida mística e a encaminhar almas, a seu modo, para o seu Deus, Alá.

À sua volta reuniram-se um sem número de indivíduos que desejavam uma orientação na vida mística, uma satisfação para os seus sentimentos religiosos.

Não era Al-Oriani um sábio. Pelo contrário, um simples e humilde camponês a quem a chama das coisas sagradas havia tocado.

Ibne Arabí testemunha:

«Era este mestre um campónio iletrado que não sabia nem escrever nem contar; mas, quando falava da ciência da unificação (tauhid) não se podia fazer outra coisa senão ouvi-lo»<sup>(20)</sup>.

Não tendo cultura, as pessoas que se reuniam em volta de Al-Oriani também não eram, dum modo geral, pessoas cultas.

Assim é que vamos encontrar os seus grandes amigos e discípulos, Abu Abdalá Al-H:aiat (Alfaiate) conhecido pelo sobrenome de o Segador ou Ceifeiro e o irmão deste Abul-Abás Ahmede Al-Hariri Al Garraz (O Sapateiro).

Sem querermos fazer comparações um tanto descabidas, lembraremos, todavia que Jesus procurava os seus discípulos entre pescadores e artífices da Galileia.

Al-Oriani teve-os entre camponeses e homens que se dedicavam às pequenas indústrias. Mas teve-os sem dúvida, também, entre homens cultos. É o caso de Ibne Arabí que na altura em que encontrou Al-Oriani já tinha feito estudos que correspondiam aproximadamente a um curso secundário exigente.

### **Al-Oriani e Ibne Arabí**

A vida de Al-Oriani decorre ante nós, como num «écran» de cinema.

Vejamos agora como se estabeleceram relações de amizade entre Al-Oriani e Ibne Arabí, como este foi levado ao decidido ingresso na vida mística.

Ibne Arabí apresentou-se a Al-Oriani. Este perguntou-lhe: «Estás firmemente decidido a seguir o caminho de Deus?»

Respondeu Ibne Arabí: «O servo está decidido, mas Deus é quem outorga a firmeza.

Então Al-Oriani tornou: «Cerra pois, a porta; corta os laços das coisas terrenas e senta-te a esperar que o dador generoso de todo o bem te fale por detrás dos véus que o ocultam».

Ibne Arabí crescenta: «Pus em prática, seguidamente, os seus conselhos até que Deus se me revelou». (21).

Este o homem que tinha a arte de tocar os espíritos inquietos e de os inclinar para as coisas sagradas.

### **Aparição de Cádír a Ibne Arabí**

Dos primeiros tempos das relações entre Al-Oriani e Ibne Arabí é, sem dúvida, o famoso caso da aparição de Cádír a Ibne Arabí.

Quem era Cádír?

Cádír é uma figura lendária dos muçulmanos, uma espécie de judeu errante, um homem que nunca morreu e que aparece, de séculos a séculos, apavorando as gentes. Identificam-no com um

companheiro de Moisés e dão-lhe o nome de Belíá Ibne Fáligue, Ibne Abir Ibne Xálije, Ibne Alfarxade Ibne Sem Ibne Nuh (Noé).

Segundo a lenda, estava num exército cujo chefe o enviou a buscar água que fazia muita falta aos soldados. Ele encontrou a Fonte da Vida da qual bebeu e por isso, não morreu e é vivo ainda <sup>(22)</sup>.

Pois bem. Foi esta a personagem que apareceu a Al-Oriani nos primeiros tempos das suas relações com o mestre. Ele havia de lhe aparecer outras vezes na sua vida, na Tunísia e no Oriente, mas essa foi a primeira.

Eis como Ibne Arabí conta o caso:

«Nosso Mestre Abul-Abás Al-Oriani discutia em certa ocasião, comigo, acerca de quem era uma pessoa à qual o Profeta tinha regosijado com a sua aparição. Ele disse-me: «é Fulano, Filho de Fulano e nomeou um indivíduo que eu conhecia de nome mas não de vista, se bem que conhecesse pessoalmente um seu primo. Eu fiquei vacilando e sem me decidir a aceitar o que o Mestre me assegurava desse indivíduo porque queria ter motivos bastantes para saber a que me ater com respeito ao assunto.

Indubitavelmente, o meu Mestre sentia-se defraudado pela minha atitude e molestou-se mas, interiormente, pois eu, então não dei conta disso, porque isto ocorria nos princípios da minha vida religiosa.

Fui pois para casa e, quando ia andando pela rua, encontrei uma pessoa que eu não conhecia e que se adiantou a saudar-me com o affecto de um amigo carinhoso dizendo-me: «Ó Mahâmed! Dá crédito ao que te disse o teu Mestre Abul-Abás sobre Fulano e mencionou-me aquela mesma pessoa indicada por Abul-Abás Al-Oriani. Eu contestei-lhe: «Assim o farei».

Entendendo pois o que me tinha querido dizer, regresssei imediatamente a casa do Mestre para lhe contar o que me acabava de acontecer. Mas, assim que entrei, exclamou: «Ó Abu Abdalá! Será preciso que o Cádír se apresente e te diga: «Dá crédito a Fulano

no que te disse» sempre que o teu espírito vacile em aceitar a solução que a qualquer problema te proponha? De onde te vêm essas dúvidas acerca de toda a questão que me ouves resolver?

E então disse-lhe: «Em verdade, a porta do arrependimento está aberta!» E ele respondeu: «E é de esperar que Deus t'o aceite».

Entendi então que aquele homem era o Cádír e indubitavelmente o era, pois o perguntei ao Mestre: «Era ele com efeito?».

Respondeu-me: «Efectivamente, era Cádír»<sup>(23)</sup>.

Acrescenta que mais tarde, o Mestre tornou a discutir com ele o mesmo assunto e então já era da opinião de Ibne Arabí e confessou-lhe que desejava apenas dele a obediência pelo que Ibne Arabí compreendeu ter sido a lição do Cádír essencialmente uma lição de obediência espiritual.

### O discípulo dilecto

Daí por diante, Ibne Arabí deixou de ser rebelde para o Mestre e de discutir como ele até ao ponto de se haver transformado no seu mais dilecto e submisso discípulo.

A isso se refere uma outra pequena história contada por Ibne Arabí.

Transcrevo do místico murciano: «Quando entrava para o visitar, dizia a miúdo: «Bemvindo sejas, filho piedoso! todos os meus filhos me contradizem e renegam de meus benefícios, excepto tu, pois só tu os confessas e reconheces e só tu me enches de honras. Praza a Deus que nunca t'os apague da memória»<sup>(24)</sup>.

### Profundidade mística de Al-Oriani

É ainda Ibne Arabí quem nos conta: «Para dormir nunca se despia. Durante o canto religioso não se comovia. Em compensação, quando ouvia recitar o Alcorão, sentia-se tão contrito e emocionado como se as suas entranhas estivessem em ebulição.



Eu fiz uma vez a oração da alvorada na sua companhia, em casa de meu querido e sincero amigo Abu Abdalá Al H:aiat, conhecido pelo sobrenome de o Segador e de seu irmão, Abul-Abás Ahmede Al-Hariri Al-Garraz (O Sapateiro).

Lia o que oficiava o princípio do capítulo LXXVIII do Alcorão e quando chegou ao versículo 6.º em que diz Deus: «Acaso não estabelecemos a terra como um leito e as montanhas como pilares?» distraí-me e não segui a leitura do oficiante, nem ouvia já nada do que dizia mas só o Mestre Abul-Jáfar Al-Oriani que estava dizendo: «O leito é o mundo e os pilares são os crentes, o leito são os crentes e os pilares são iluminados, o leito são os iluminados e os pilares são os Profetas, o leito são os Profetas e os pilares são os enviados ou apóstolos, o leito são os enviados...» Vejamos quê...?

Seguiu citando as sentenças esotéricas primárias quantas quis.

Nisto voltei a mim quando o oficiante lia os versículos 38-39: «E disse o justo, aquele dia é o dia da verdade».

Quando terminámos a oração interroguei-o e vi que também ele havia pensado durante a leitura daquele versículo o que eu tinha experimentado na minha visão extática». (25)

### O milagre da chuva

Não faltam milagres na vida deste santarrão. Milagres ou... pseudo-milagres.

Vejamos, em primeiro lugar, o milagre a que se pode chamar o milagre da chuva.

Estando em Sevilha, em casa de Ibne Arabí, sentiu Al-Oriani que Deus lhe dizia: «Os habitantes de Alcácer de Cotama (Alcácer Quibir) estão necessitados de chuva.

Vai junto deles e faz por eles a oração pedindo a chuva a fim de que eu lhes dê a água de que necessitam».

Diz o mesmo Ibne Arabí que Al-Oriani lhe contou esta revelação e saiu de Sevilha, acompanhado por ele, discípulo querido.

Como entre Sevilha e Alcácer de Cotama ficava o mar, a uma distância que levava 8 dias a percorrer, alguém lhe disse: «Roga a Deus por eles, mesmo daqui».

Mas Al-Oriani explicou: «Mandaram-me que fosse até junto deles!»

E diz Ibne Arabí: «Quando chegou a uma colina donde já avistava Alcácer, reconheceu que não podia entrar nela e fez, ali mesmo, uma oração a pedir chuva, sem que os habitantes o soubessem. E no mesmo instante principiou a chover.

Regressou a Sevilha sem ter entrado em Alcácer.

Ao chegar a Sevilha, disse Ibne Arabí para os outros discípulos de Al-Oriani: «Quando Deus lhe enviou a água e a chuva caía em caudais, o turbilhão envolvia-nos pela direita e pela esquerda, por diante e por detrás, mas nós íamos andando sem que nos tocasse nem uma gota de água».

Disse então, Ibne Arabí ao Mestre: «Refugia-te, se podes, onde te não alcance a misericórdia de Deus!»

Al-Oriani deu um grito e exclamou: «Por ela sou conduzido, ó Mohâmede Ibne Arabí! Que pena não me ter recordado dela!». Quis com isso significar que sendo protegido de Deus, tinha a chuva à sua disposição mesmo em Sevilha onde se encontrava. <sup>(26)</sup>

### **O milagre do cutelo**

Um outro milagre que Ibne Arabí atribui a Al-Oriani é o do cutelo.

Em certo dia, entrou em casa de Al-Oriani um homem que o deitou a terra para o decapitar, com um cutelo que trazia.

O Mestre não resistiu, mas os discípulos opuzeram-se com todas as suas forças.

Então disse Al-Oriani: «Deixem que ele faça o que lhe ordenaram».

Ao dizer isto pegou, ele mesmo no cutelo, com o fim de cortar a cabeça com ele. Diz Ibne Arabí que Deus fez com que o cutelo lhe atravessasse a mão e caísse no solo.

O assassino então, ao ver semelhante prodígio, rojou-se a seus pés, arrependido. (27)

### **Na presença de Deus**

Na velhice Al-Oriani cegou. Quando já estava cego, conta Ibne Arabí, foi visitá-lo um homem, acompanhado de um filho e disse que esse seu rapaz mantinha o Alcorão e o conservava de memória.

Al-Oriani ficou impressionadíssimo e, dando um grito, caiu em êxtase e disse: «O Ser Eterno é aquele que mantém o ser temporal. É o Alcorão que mantém o teu filho e que nos mantém a nós. É ele que conserva o teu filho e nos conserva a nós.» (28)

Ibne Arabí comenta isto como indício de como Al-Oriani andava sempre na presença de Deus.

### **A última visita de Ibne Arabí e o problema do êxtase**

Na última visita que Ibne-Arabí fez a Al-Oriani, acompanhado de alguns amigos em religião, encontrou-o sentado.

Depois de o saudarem, um grupo quis fazer-lhe uma pergunta mas antes de a fazer, o mestre levantando a cabeça, disse: «Olhai! Aqui tens um problema que te proponho a ti ó Abu Becre (Ibne Arabí) e apontou para Ibne Arabí: «Não acabo nunca de maravilhar-me com aquele dito de Abul-Abás Ibne Alarife «Até que se aniquile o que não existiu e subsista o que não deixou de existir».

Porque nós sabemos que o que não existiu é um ser aniquilado e que o que não deixou de existir é um ser subsistente. Que é pois, o que quis dizer Abul-Abás? Responde-me».

«Nenhum do grupo soube responder. A mim, pelo contrário, diz Ibne Arabí, ofereceu-se-me a resposta que convinha dar e estive prestes a resolver o problema. Mas, não cheguei a pronunciar uma

palavra porque me era muito violento falar e como o Mestre sabia muito bem que eu era assim, não insistiu». (29)

O Padre Asín Palacios diz-nos que não encontrou a frase referida na única obra de Ibne Alarife que hoje existe e que o sentido da frase citada por Al-Oriani parece ser: «Até que chegue o momento do êxtase em que o que não existiu, ser criado, se aniquile, perdendo a consciência de si mesmo, identificando-se com Deus, o ser eterno que subsistirá e nunca deixará de existir».

### Comparação do pensamento de Al-Oriani com o de Abu Imrane

Se a comparação de o pensamento de Al-Oriani com o de Ibne Cací, seu antecessor ou com o de Ibne Arabí, seu sucessor, se torna, por vezes, um pouco difícil, o mesmo não podemos dizer da comparação do pensamento de Al-Oriani com o do seu amigo e contemporâneo Abu Imrane de Mértola, pois possuímos uma página de Ibne Arabí em que essa comparação é feita.

Passo a lê-la.

«Entrei em casa do meu Mestre Abul-Abás Al-Oriani num momento em que a minha alma se sentia profundamente perturbada perante os espectáculos das gentes que via, rebeldes e empenhadas em contradizer a lei de Deus.

O meu Mestre disse-me: «Preocupa-te com Deus!»

Saí da sua casa e entrei na de meu outro Mestre, Abu Imrane de Mértola o qual, ao conhecer o meu estado de alma me disse: «Preocupa-te contigo mesmo».

Então exclamei: «Ó Senhor meu! Fico perplexo ante vós dois. Abul-Abás me diz «Preocupa-te com Deus» e tu me dizes «Preocupa-te contigo mesmo». E sois dois mestres, ambos os quais me dirigem pelo caminho da verdade».

Abu Imrane pôs-se a chorar e disse-me: «Ah! Querido meu! o que te indica Abul-Abás é a verdade e deves voltar a ele. O que sucede é que cada um de nós outros te indica o que o seu próprio estado místico lhe exige. Eu espero, no entanto que Deus quererá

fazer-me alcançar a grande perfeição a que Abul-Abás aludiu. Escuta pois o seu conselho pois é o mais conveniente para mim e para ti».

«Ah! que formosa é (diz Ibne Arabí) a equanimidade dos sufís!

Voltei então a casa de Abul-Abás e referi-lhe o que me tinha dito Abu Imrane.

Disse Abul-Abás: «Disse bem Abu Imrane porque ele te indicou qual é o *caminho da perfeição* enquanto que eu te indiquei qual é o *companheiro de viagem*. Procede pois tu conforme o que ele te disse e conforme o que eu te disse; isto é, junta numa, ambas as preocupações, a do caminho e a do companheiro; porque todo o que não vai pelo caminho da perfeição acompanhado de Deus que é a verdade, não pode ter a certeza da sua salvação». (30)

Por esta bela página se pode ver o traço característico de cada um: Al-Oriani sobretudo um místico, Abu Imrane, um asceta; Al-Oriani entregando-se aos eflúvios dos sentimentos divinos, Abu Imrane desejando escalar o céu por uma técnica própria embora reconhecendo, enfim, a necessidade de um grau superior de espiritualidade.

### PERFIL, OBRA E PENSAMENTO DE AL-ORIANI

Importa agora, traçar as grandes linhas do perfil de Al-Oriani, desse mestre espiritual que tanto impressionou os homens do seu tempo.

Pelos depoimentos que possuímos pode-se dizer que ele era essencialmente um místico que se confiava a Deus.

Pouca cultura tinha, para não dizer nenhuma; mas, a sua vida espiritual rescendia beleza, no dizer dos seus contemporâneos.

Distinguia-se pela sua piedade. Cumpria rigorosamente as obrigações religiosas do Islamismo. Era quase sempre encontrado orando ou meditando e fazia frequentes jejuns.

Comovia-se com a leitura do Alcorão mas não dava importância às regras da vida prática.

Não trabalhava. Vivia na contemplação religiosa e levava tão longe o desprezo das coisas materiais que muitas vezes não se despia para dormir.

Andava sempre na presença de Deus o que o fazia viver sempre na maior alegria espiritual.

Este o retrato que de Al-Oriani nos legou o seu discípulo e biógrafo Ibne Arabí, grande doutor do Islame.

Não se conhecem obras escritas ou ditadas de Al-Oriani.

Como Sócrates, deixou uma doutrina, um pensamento e discípulos, mas não uma obra escrita.

A sua obra está na bela imagem que dele se projectou no futuro. Teve sem dúvida discípulos, nem todos fiéis, que circularam à sua volta. De todos eles o mais significativo foi Ibne Arabí.

Não se pode considerar pequena a parte de Al-Oriani na formação espiritual de Ibne Arabí. Segundo o próprio místico murciano, nos confessa, ele foi o seu primeiro mestre. No contacto com Al-Oriani teve Ibne Arabí, pela primeira vez, a impressão de que lhe havia aparecido Cádiz. Presenciou, a tomar a sério o seu testemunho, o milagre de Alcácer de Cotama. Foi com Al-Oriani que Ibne Arabí devia ter tido as primeiras noções do êxtase.

A obra de Al-Oriani está toda na preparação de um conjunto de discípulos que prolongaram a sua acção espiritual, entre os quais Ibne Arabí que lhe havia de dar tão grande projecção histórica. <sup>(31)</sup>

Quanto ao pensamento de Al-Oriani ele baseava-se no cumprimento das grandes obrigações: a oração, o jejum e a esmola.

Admitia o pecado original, a comunicação e a intercessão, mas a sua ideia fundamental estava na abnegação (tawacol).

Para os fins da sua vida, disse-se que seguia um método (tarica) semelhante ao de Jesus.

E como não havia de ser assim, se todos os sufís, como ele, se

aproximaram contínua e indefinidamente do Cristianismo, embora, na sua maior parte, lá não tivessem chegado?

Para o pensamento sufí, Maomé é o Símbolo dos Profetas, mas Jesus, o Símbolo dos Santos. E, se os Profetas são necessários, a fim de orientarem a humanidade, o caminho da vida espiritual não pode ser outro senão aquele definido pelo santo.

Só o santo pode entrar na comunhão íntima com a própria divindade.

## CONCLUSÃO

Antes de concluir estas considerações, permití-me, Sr. Presidente da Câmara Municipal de Loulé, que faça duas propostas em relação com a matéria sobre que acabo de falar.

1.º) Que seja colocada numa praça pública desta vila, uma lápide, de feição arábica, em homenagem a Al-Oriani.

Nessa lápide podia figurar o pensamento: «Todo aquele que não segue pelo caminho da perfeição acompanhado de Deus que é a Verdade, não pode estar certo da sua salvação».

Trata-se de um pensamento de um místico islâmico que, no entanto, não só nada tem contra o Cristianismo como se pode considerar cristão.

2.º) A segunda proposta refere-se à publicação de um breve trabalho com uma exposição exacta da vida, obra e pensamento de Al-Oriani para que em todo o concelho seja conhecido e para que, fora de Loulé, em todo o País e no estrangeiro, se possa apreciar devidamente esse alto valor espiritual desta terra. <sup>(32)</sup>

Colocada no centro do Algarve, entre a Serra e o Mar, entre o Barlavento e Sotavento, Loulé é como que o altar e o coração do Algarve, o coração que pulsa, a inteligência que raciocina, o espírito que ilumina. Em toda a história árabe do Algarve encontramos poetas, literatos, historiadores, gramáticos, juristas, geógrafos, etc....

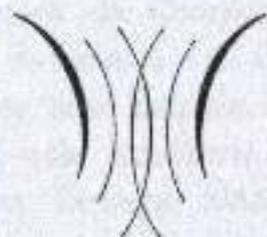
mas, quanto a filósofos, apenas dois: Ibne Cací de Silves e Al-Oriani de Loulé.

Graças aos livros de Ibne Arabí a que Asín Palacios dedicou estudos proficientes, conhecemos hoje, relativamente bem, o pensamento de Al-Oriani.

Assim, é ele, neste momento, o único filósofo árabe do Algarve, bem conhecido.

Esta altura ou peanha sobre que assenta Loulé e que lhe deu o nome oferece-nos hoje, o único filósofo árabe algarvio cujo pensamento conhecemos. Ele foi uma personalidade de vulto, não só pelo seu valor próprio, como pelo seu reflexo no evoluir do pensamento místico ocidental.

Sugiro que a sua memória seja honrada e homenageada como compete.



## NOTAS

(<sup>1</sup>) O texto árabe da «História dos Almóadas», de Abd'al-Wáhid Al-Marracuxí, foi publicado por R. Dozy, sob o título «The History of the Almohades de Abdo-'l-Wáhid al-Marrékoshi».

Da 2.<sup>a</sup> edição desta obra, feita em Leide, pela casa E. J. Brill, em 1881, traduzimos o trecho em que surge o nome de 'Ulyã ou Loulé, a págs. 282.

«E de Sevilha até à cidade de Silves que fica na orla do mar grande (Oceano) são cinco jornadas e no intervalo há várias pequenas cidades tais como Niebla, o Forte de Mértola, a cidade de Tavira, a cidade de Al-'Ulyã e a cidade conhecida por Santa Maria» (Faro).

Há tradução francesa da obra acima referida: «Histoire des Almohades d'Abd El-Wahid Merrákechi» traduzida e notada por E. Fagnan — Argel — Adolphe Jourdain — 1893.

Agradecemos ao distinto arabista e filólogo Dr. José Pedro Machado a consulta que nos proporcionou destas obras que não existem nas bibliotecas portuguesas e são hoje já bem raras.

A citação feita por Al-Marracuxí de 'Ulyã entre Tavira e Faro, foi uma das razões que levaram à sua identificação errada com Olhão.

O texto de Ibne Saíde Al-Magribí no Kitab Al-Mugrib referente a 'Ulyã é dado mais à frente, neste trabalho.

Na «*Adh-Dhakhyra as-Sanyya*» crónica anónima dos Merínidas, editada pela primeira vez em Argel, em 1921, por Ben Cheneb, obra que até hoje nunca foi utilizada pelos historiadores portugueses, diz-se:

«wa fyha l,a'tat:ay l,ibnu Mah:fuz: al rwm madinat. Tabirat. wa Al 'Ulyã wa Xilb wa l,ajaz wa Al Khazânat. wa Marswxat. wa Bartinâ wa Al H:urat.» (Pág. 76).

O que significa: «E neste ano (de 645 de Hégira, 1247-48 da era cristã) entregou Ibne Mahfot aos cristãos a cidade de Tavira e Loulé e Silves e Ajaz e Alcazana e Marsuxa e Paderne e Alfora».

A identificação de Ajaz, Alcazana, Marsuxa e Alfora ainda não pôde ser feita. Loulé aparece-nos entre as conhecidas localidades de Tavira e Silves e depois dela fala-se, no mesmo texto ainda, de Paderne.

Claro que a data dada pela «*Adh-Dhakhyra as-Sannyya*» para a conquista destas povoações está errada. Estas localidades não foram conquistadas todas no mesmo ano e a data de 1248 (até Maio) para a conquista de Loulé deve ser corrigida para 1249. De qualquer modo julgamos o texto em causa do maior interesse para a história portuguesa pois é, cremos, o único texto árabe em que se fala da maneira como Ibne Mahfot perdeu o Algarve e os portugueses realizaram a sua conquista definitiva.

Este texto da «*Adh-Dhakhyra as-Sannyya*» não me era conhecido quando fiz a conferência de Loulé, visto que só vim a tomar conhecimento dele em 1953, em Madrid, quando da minha estadia ali com uma bolsa de estudo do Instituto de Alta Cultura.

Para esse texto tinha chamado a atenção, a propósito de Ibne Mahfot, Levi Provençal quer no seu estudo «*L'inscription almohade de Silves*» (in: «*Mélanges d'Etudes Portugaises offerts a M. Le Gentil*», pág. 261) quer em conversações pessoais que tivemos quando, com o maior prazer, o fomos esperar à fronteira de Vila Real de Santo António e com ele percorremos o Algarve e o Alentejo.

O texto de que nos servimos foi copiado em Madrid do exemplar da «*Adh-Dhakhyra*» existente no Instituto Asín a cujo Director, D. Emilio García Gómez, renovo aqui os meus agradecimentos por me ter permitido trabalhar livremente na valiosíssima biblioteca desse Instituto aureolado pelo nome e pela presença espiritual do grande arabista que foi Asín Palacios.

(<sup>2</sup>) David Lopes «*Os Árabes nas Obras de A. Herculano*», Lx. 1911, pág. 80.

(<sup>3</sup>) «*Arqueólogo Português*», I, pág. 277-279.

(<sup>4</sup>) Asín Palacios «*Contribución a la Toponímia Árabe de España*», Madrid-Granada, 2.<sup>a</sup> edição, 1944, págs. 64 e 126.

(<sup>5</sup>) Assim o regista Fagnan em nota à sua tradução do «*Bayan Almogrib*». E. Fagnan «*Histoire de l'Afrique et de l'Espagne intitulée «Al-Bayano'l-Mogrib*», Argel, 1901-04, II, pág. 243.

(<sup>6</sup>) Levi Provençal «*La Peninsule Ibérique au Moyen Age d'après le Kitab ar-Raud al-Mi 'tar*, Leide, Brill», 1938, pág. 43.

(<sup>7</sup>) Simonet «*Historia de los Mozárabes*», págs. 528 e 589.

(<sup>8</sup>) Referimo-nos à «*Crónica da Conquista do Algarve*», descoberta na Câmara Municipal de Tavira, à *Crónica dos Cinco Reis*, da Biblioteca Municipal do Porto e à *Crónica dos Sete Reis de Portugal*, da Biblioteca da Casa Cadaval ultimamente editada pela Academia Portuguesa de História, sob a orientação do Rev. Padre Silva Tarouca. Estas obras parecem constituir uma só crónica que muito possivelmente teria sido redigida por Fernão Lopes à base de crónicas mais antigas.

(<sup>9</sup>) Loulé deve ter sido uma das últimas povoações a cair em poder dos portugueses. Segundo a *Crónica da Conquista do Algarve* seguiu-se a Faro e depois dela rendeu-se Aljezur.

(<sup>10</sup>) Ibne Saide no «*Kitab Al-Mugrib*», manuscrito da Real Academia de História de Madrid, fls. 213-v. e 214.

A tradução que aqui apresento foi feita por mim à base de fotocópias que possuo do referido manuscrito, fotocópias obtidas em 1948, por intermédio do Dr. Carneiro Pacheco, então Embaixador de Portugal em Madrid.

As fotocópias vieram até mim acompanhadas de uma tradução espanhola de autor desconhecido que depois soube ser Elías Terès, um discípulo querido e ilustre de García Gómez e hoje, também meu particular amigo.

A diferença essencial entre a sua tradução e a minha está principalmente em que procurei seguir o texto, palavra a palavra, sujeitando-me por isso a que a tradução resulte menos elegante.

(<sup>11</sup>) Abu Otmane Saíd Ibne Háqueme, Senhor de Minorca, era um nobre literato natural de Tavira, comprovinciano, portanto, de Al-Cotaír. Isso explica que este se tenha dirigido para Minorca, confiado naturalmente, numa antiga amizade ou nos laços afectivos de um velho sentimento regionalista.

(<sup>12</sup>) O vôo do corvo era, entre os árabes, sinal de separação.

(<sup>13</sup>) A existência do Castelo neste local é a prova de que a Loulé Muçulmana devia ter sido pouco mais ou menos no sítio em que se encontra hoje. Loulé.

O facto de haver uma Loulé Velha junto de Quarteira não nos deve perturbar. Trata-se de uma povoação que em tempos antigos precedeu possivelmente, a Loulé sita no actual local.

Na história da reconstrução do Castelo de Loulé, em 1442, por ordem de D. Henrique de Meneses, filho de D. Duarte de Meneses e 1.º Conde de Loulé, diz-se que foram encontradas muralhas romanas. Parece-nos isso um tanto duvidoso. Estamos em que seriam mais provavelmente árabes. A mudança de Loulé Velho para o actual local deve ter-se dado no início do domínio árabe. A ser romana a fundação de Loulé, que nome tinha então esse povoado? E não será a designação de Loulé Velho de origem erudita? Neste caso, haveria que concluir que não há relação alguma entre a actual Loulé e as ruínas de Loulé Velho onde teria existido Carteia, junto de Quarteira.

Sobre o assunto consulte-se F. X. d'Oliveira Athayde em «Monografia do Concelho de Loulé» e Raul Pinto «Loulé — Roteiro-Guia».

(<sup>14</sup>) A «Risalat al-Quds» de que se serviu Asín é o Manuscrito n.º 741 da Biblioteca do Escorial.

Da «Futuhât» cujo título completo é «Al-Futuhât al-makkyâ fy ma'arifât al-as: rar al malikya wa al-mulkya» (Revelações mequenses sobre o conhecimento dos segredos do Rei e do Reino) há uma edição de Bulac, 1296 (H.) sobre a qual trabalhou Asín.

(<sup>15</sup>) Uma das dificuldades para se obter fotocópias do Man. de Constantinopla do «Khal' al-Na'lain» de Ibne Caci está em que as cotas dadas pelos tratadistas não condizem umas com as outras e parece que nenhuma delas condiz com a realidade.

O Prof. Louis Massignon encontrou o manuscrito e estudou-o em Constan-

tinopla por 1930. Perguntou então ao Prof. Dr. David Lopes se não desejava que lhe enviasse uma cópia. Esta cópia, feita à mão, ficaria excessivamente cara e o Dr. David Lopes desistiu.

Há anos pretendi por-me em contacto epistolar com o Prof. Dr. Massignon para lhe solicitar a indicação da cota certa do referido manuscrito, mas o Prof. Massignon encontrava-se então, nos Estados Unidos e os seus apontamentos neste sentido estavam naturalmente em Paris. Um feliz acaso fez que viesse a conhecer pessoalmente o Prof. Massignon, no passado mês de Novembro, nesta cidade de Lisboa, aonde ele veio de passagem. Devo a gentileza da apresentação a Pierre Hourcade, Ilustre Director do Instituto Francês.

O Prof. Massignon prometeu-me pedir a um amigo que tem em Constantinopla, o envio urgente do microfilme do manuscrito e prontificou-se a esclarecer quaisquer dúvidas que me pudessem surgir na tradução de tão difícil texto.

Estamos assim, muito naturalmente, nas vésperas de vir a conhecer o famoso documento. Disse-me o Prof. Massignon que estudou o manuscrito, que o trabalho é muito interessante e que Ibne Cací devia ter sido, na verdade, um espírito cheio de ideias curiosas.

No seu livro Ibne Cací fala com insistência da «nur Mohammedi» (Luz de Maomé) à qual atribui o poder de uma espécie de intelecto agente de Aristóteles. Isto faz supor ao Prof. Massignon que as ideias da seita oriental ismaelita chegaram até ao Andaluz e que foi esta uma das fontes que influíram no pensamento do Ibne Cací. Massignon julga ter descoberto através de que obra as ideias da seita ismaelita penetraram na Hispânia Árabe. Sobre este tema acaba de fazer a sua conferência de Madrid.

(16) «Futuhât» — III 69-705.

(17) Certif. Ibn Alathir — Annales du Maghreb et de l'Espagne. Trad. de E. Fagnan, Argel, 1898.

Aí se diz: «Em 586 (da Hégira, 1190 da era cristã, manifestamente, data errada pois a conquista foi em 1189) o rei *franco* Ibn Ar-Rik (Filho de Henrique, ou seja, Afonso Henriques, aqui o autor também se equivocou pois quem tomou Silves foi Sancho I) conquistou Silves, no Ocidente do Andalus, uma das principais cidades muçulmanas daquele país». (pág. 608).

Vê-se por este texto como os portugueses também eram considerados «francos» por alguns escritores árabes, e, com justa razão, pois não devemos esquecer que o Conde D. Henrique era um príncipe francês.

(18) Risalat — Trad. de Asín em «El místico murciano Abenarabí» (Bol. de la Real Academia de la História, Tomos LXXXVII e LXXXVIII, págs. 31-32.

(19) Risalat — Asín, «Abenarabí» 29.

(20) Idem.

(21) Idem.

(22) A informação é de Asín.

(23) Tudo isto vem no Cap. I da «Futuhat», No Cap. III Ibne Arabí conta a mesma história com umas pequenas variantes que de certo modo a completam. Diz que o caso se passou no Mercado dos Cereais.

(24) Risalat-Asín «Abenarabí», 31.

(25) Idem, 32,-32. A propósito da profundidade mística de Al-Oriani e do poder de simpatia do seu espírito, parece-nos interessante reproduzir aqui a historietta contada por Ibne Arabí quando fala do santão Iuçufe de Subarbol.

”Abu Hajaje Iuçufe — Al-Subarbulí — que Deus tenha compaixão dele — era de Subarbol, uma aldeia no Axarafe, a cerca de duas léguas de Sevilha.

Tinha uma gata preta em que ninguém podia tocar nem por-lhe a mão em cima, mas que dormia no seu seio. E ele dizia-me: Deu-me Deus esta gata para que distinga os amigos de Deus.

E isto de fugir que ela tem não é normal, pois deu-lhe Deus — que seja exaltado — também, o mostrar-se afável com os amigos.

Eu verifiquei isso, várias vezes, com os meus próprios olhos. Pois quando entrava um homem roçava a face pelas suas pernas e prendia-se a ele e quando entrava outro, fugia dele.

E sucedeu entrar na sua casa o nosso primeiro mestre que ia ali, pela primeira vez, isto é, Abu Jáfar (Al-Oriani) aquele de quem primeiro falámos. E estava a gata no último quarto e saiu desse quarto e olhou para o nosso mestre Abu Jáfar, antes de se sentar.

E o nosso mestre Abul Al Hajaje disse: «Senta-te!» E ela deu um salto para o peito do nosso mestre Abu Jáfar e abriu as patas dianteiras para o seu colo e abraçou-o e passou a sua face pela barba dele.

E depois, levantou-se Abu Hajaje para o fazer sentar e não lhe disse nada. Mais tarde contou-me que aquilo não vira ele nunca fazê-lo com outra pessoa. E não cessou a gata de estar junto dele até que ele se foi embora».

”Risalat Al-Quds” fl 25v. Texto árabe em «Crestomatía de Arabe Literal» de Asín. A tradução é da nossa autoria.)

(26) Idem, 30.

(27) Idem, 32.

(28) Idem, 31.

(<sup>29</sup>) Idem, 32.

(<sup>30</sup>) Futuhat II, 234.

(<sup>31</sup>) Ibne Arabí compôs poemas em louvor de Al-Oriani poemas que no entanto, não transcreveu na «Risalat al Quds».

(<sup>32</sup>) Esta proposta foi aceite. Para a publicação deste trabalho deu a Ex.<sup>ma</sup> Câmara de Loulé importante apoio que muito agradecemos.

Seria interessante que a Câmara de Loulé, promovesse a colocação de duas lápides, lembrando respectivamente, *Al-Oriani* e *Al-Cotair*, as duas únicas individualidades ilustres de Loulé, em tempos árabes, hoje conhecidas. A lápide a *Al-Cotair* podia apresentar dois dos seus versos mais curiosos. Isso revestir-se-ia, ao mesmo tempo, de significado histórico e turístico. Nem todas as localidades se podem orgulhar de ter tido, no século XII, um místico que foi mestre de um dos maiores filósofos místicos de todos os tempos.

## ÍNDICE

Prólogo ... ..	5
Sistema de transliteração ... ..	7
Início da conferência ... ..	9
Loulé Muçulmana ... ..	10
O pensamento místico do Islame Ocidental ... ..	15
Biografia de Al-Oriani ... ..	18
Perfil, obra e pensamento de Al-Oriani ... ..	30
Conclusão ... ..	32
Notas ... ..	34

## ERRATA

Uma composição sobre original manuscrito de letra pouco legível e uma revisão apressada determinaram o aparecimento, neste trabalho, de gralhas impertinentes e incomodativas que nos julgamos na obrigação de corrigir.

O primeiro número indica a página e o segundo a linha das palavras a que a correcção se refere.

5-7 onde; 5-24 aspecto; 7-2 linótipo; 8-16 quase; 11-10 precedido; 12-13 provém; 13-13 origem; 13-30 abençoe; 13-32 companheiros; 14-1 este; 14-13 são; 14-28 construíram; leg. grav. 8 sobrepuseram; 16-10 privilegiada; 17-15 Andaluz; 17-25 possuímos; 18-2 dança; 19-11-34; 19-26 caiu; 20-29 traz; 21-3 Ti; 21-27 amanhã; 24-14 regozijado; 24-26 Mohâmede; 26-30 discípulo; 27-26 opuseram-se; 31-4 desprezo; 31-9 permita-me; 32-1 indefinidamente; 34-11 anotada; 36-25 ruínas; 37-22 influíram; 37-29 cristã.

## ÚLTIMAS OBSERVAÇÕES

Em virtude da necessidade de se acentuar, patentemente, o *í* proveniente do *íá* árabe, na transcrição fonética, acentuámos grãficamente termos como Cací, Arabí, sufí e outros, prática seguida por David Lopes, por exemplo em «Os Árabes nas obras de A. Herculano». Tratando-se, porém, da forma portuguesa da palavra, deve-se fazer a eliminação desse acento, no caso, absolutamente inútil. O referido Mestre seguiu este outro critério no seu trabalho sobre «O domínio árabe» integrado na «História de Portugal» da direcção do Dr. Damião Peres.

Em *'Ulyā* o til significa apenas que a vogal *a* é longa; não tem, portanto, qualquer finalidade de nasalização. A falta de sinal próprio no quadro tipográfico de que nos servimos levou-nos a admitir essa solução proposta que, na transliteração dos textos, foi substituída pela do acento circunflexo usado, com idêntico objectivo, pelos arabistas franceses. V. a «Grammaire de l'Arabe Classique» de Demombynes e Blachère, Paris, Maisonneuve, 1952.

No trecho sobre *Al-Subarbuli* traduzimos por «légua» o que, com mais rigor, é «parasanga» medida itinerária persa que corresponde a cinco quilómetros e quinhentos e vinte metros, isto é, aproximada, mas não exactamente, uma légua.